

**É POSSÍVEL EVITAR O SOFRIMENTO?
A FELICIDADE E O “PROJETO DE VIDA”**

**IS IT POSSIBLE TO AVOID SUFFERING?
HAPPINESS AND THE “LIFE PROJECT”**

Gabriel Elias da Silva Pereira¹

Data de recebimento do texto: 14/07/2025

Data de aceite: 11/08/2025

Resumo: A Felicidade Interna Bruta é mais importante que o Produto Interno Bruto. O enunciado de 1976 atribuído a Jigme Singye Wangchuck, o então rei de Butão, dá à felicidade a qualidade de significante de desenvolvimento humano, mais importante até que fatores econômicos, significando-a como índice a ser quantificado e avaliado por uma série de indicadores, dentre eles a educação. É de meu interesse investigar como se dá a significação do vínculo entre educação e felicidade no dizer do Novo Ensino Médio, tendo em vista a caracterização de “projeto de vida” como método que possibilita ao estudante evitar o sofrimento. A partir de uma perspectiva materialista sobre a linguagem, mobilizo as categorias de “reescritura” e “articulação”, ambas idealizados por Eduardo Guimarães, em diálogo com a concepção de “silêncio” de Eni Orlandi na Análise de Discurso.

Palavras-Chave: Enunciação. Educação. Projeto de vida. Silêncio.

Abstract: Gross National Happiness is more important than Gross Domestic Product. The 1976 statement attributed to Jigme Singye Wangchuck, the then king of Bhutan, gives happiness the quality of a signifier of human development, more important even than economic factors, signifying it as an index to be quantified and evaluated by a series of indicators, among them education. I am interested in investigating the connection between education and happiness in the context of the Novo Ensino Médio (New High School), considering the characterization of the “life project” as a method that allows the student to avoid suffering. Based on a materialist perspective on language, I mobilize the categories of “rewriting” and “articulation”, both idealized by Eduardo Guimarães, in dialogue with Eni Orlandi’s conception of “silence” in Discourse Analysis.

Keywords: Enunciation. Education. Life project. Silence.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista CNPq. E-mail: gabrielelias72@hotmail.com

A Felicidade Interna Bruta: Educação e Felicidade

“A Felicidade Interna Bruta é mais importante do que o Produto Interno Bruto”. O enunciado de 1972, atribuído ao então rei de Butão, Jigme Singye Wangchuck, é considerado ponto de partida na criação da Felicidade Interna Bruta (FIB) e sua consolidação como índice de mensuração e avaliação da felicidade. Ao tomá-la enquanto critério mais importante para avaliação do desenvolvimento de uma nação, o dizer em questão significa a felicidade não só como dever do Estado, mas também uma de suas principais prioridades, até se comparado ao desenvolvimento econômico.

Ao tratar sobre o tópico, o artigo “FELICIDADE INTERNA BRUTA - FIB: um instrumento de desenvolvimento para a gestão pública, privada e comunitária”², publicado no website FIB2030, caracteriza a FIB como “ferramentas de avaliação para acompanhar os progressos de desenvolvimento” visando “demonstrar cientificamente a felicidade e o bem-estar geral da população” e “trazer informações importantes para a política governamental”. A proposta da FIB de “demonstrar cientificamente a felicidade” a situa no campo da objetividade científica, com a felicidade sendo significada como objeto a ser delimitado e analisado, passível de comprovação por meio de um aparato teórico-metodológico, este que dará origem a subsídios utilizados na elaboração de políticas públicas visando a sua promoção.

No cálculo da FIB são considerados 72 indicadores, subdivididos em 9 dimensões, cada uma delas com peso equivalente: bem-estar psicológico, uso do tempo, vitalidade da comunidade, cultura, saúde, educação, diversidade do meio ambiente, padrão de vida e governança. A presença dessas dimensões na composição da FIB sugere uma correlação entre o desenvolvimento de cada e o aumento no nível de felicidade da população, com a educação estando entre elas, o que, por sua vez, sugere uma correlação entre o investimento em educação e o investimento em promoção da felicidade.

A relação entre educação e felicidade, caracterizada pelo modo como a educação intervém na promoção da felicidade, é uma questão que estará presente em diversos documentos e políticas educacionais, sendo de meu interesse a análise da significação dessa relação nesse contexto.

² <https://www.fib2030.com.br/sobre-o-fib>. Acesso em: 1 de novembro de 2024.

O Projeto de Vida e o Novo Ensino Médio

As mudanças na estrutura do Ensino Médio, introduzidas pela Lei n.º 13.415/2017, que deu origem ao Novo Ensino Médio (NEM), tem sido alvo de calorosas discussões, tanto entre estudiosos e especialistas na área da educação, como também em diversos outros setores da sociedade. A proposta de uma nova organização curricular, apesar de não ser a única mudança prevista, tem atraído desproporcional atenção em relação aos outros pontos da legislação, uma vez que divide o conjunto de disciplinas em dois blocos: um comum a todos os estudantes e outro flexível, composto pelos itinerários formativos e educação técnica e profissional, divisão essa que tem sido alvo de críticas.

O artigo *Novo Ensino Médio - perguntas e respostas*³, publicado pelo Ministério da Educação (MEC), caracteriza a inclusão desse componente flexível na organização curricular do Novo Ensino Médio como “a oferta de diferentes possibilidades de escolha aos estudantes”, com o objetivo de “garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje”. Desse modo, a flexibilização curricular não é considerada apenas um meio de se melhorar a qualidade do ensino, mas também um movimento de aproximação entre estudante e escola, baseado em uma tentativa de adaptação dos conteúdos abordados na escola a realidade do estudante.

Ainda sobre o tópico da nova organização curricular, o § 7º do Art. 4º da Lei n.º 13.415/2017⁴ prevê que “os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”. No texto da lei, a proposta de articulação entre “os currículos do ensino médio” a “formação integral do aluno” está atrelada a adoção de “um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida”, estabelecendo uma relação entre a elaboração do currículo escolar e o “projeto de vida” de cada aluno, em que este deve ser considerado na seleção dos conteúdos a serem incluídos no currículo escolar.

A tomada do projeto de vida dos alunos como elemento determinante do currículo nos leva a necessidade de delimitar o que seria esse “projeto de vida” e o que os documentos

³ <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

⁴ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 10 de julho de 2024.

oficiais tem a nos dizer sobre o tema. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵, o *projeto de vida* consta entre as *Competências Gerais da Educação Básica*:

“Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e **fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida**, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.” (p. 9)

A capacidade do estudante de “fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida” é significada como *competência* a ser desenvolvida nas três etapas da educação básica, o que sugere uma articulação entre o *projeto de vida* e toda a trajetória escolar desse estudante, sendo esse projeto o que irá determinar as práticas pedagógicas escolares em sua totalidade, não só a construção do currículo.

A caracterização do *projeto de vida* como determinante das práticas escolares também ocorre em outros trechos do documento:

Na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, **eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas**. (p. 472)

A “construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes” é tida como “eixo central em torno do qual a escola pode organizar as suas práticas”, sendo assim, um elemento a ser prestigiado no planejamento escolar. Nesse contexto, o Ensino Fundamental é voltado à estimulação do “protagonismo e autoria” do aluno, dois elementos que serão posteriormente articulados de modo a permitir a “construção e viabilização do projeto de vida” desse aluno no Ensino Médio.

Após estabelecer o projeto de vida como eixo estruturante das práticas escolares é que a BNCC irá abordar no que este consiste e sua relação com o desenvolvimento de cada estudante:

Dessa maneira, **o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória**, uma construção que acompanha o

⁵ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos.

A concepção de projeto de vida como “o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si” expressa a significação de um movimento de individualização, restrita a visão do aluno sobre a sua própria vida. Esse movimento de individualização é preservado na citação de “contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais”, que apesar de sugerir a existência de uma coletividade externa que irá contextualizar a construção das identidades do estudante, e logo, de seu projeto de vida, ainda aborda essa coletividade estritamente na relação que ela terá com aquilo que este deseja, seja na promoção ou repressão desses desejos.

Perspectiva teórico-metodológica

A significação do projeto de vida como pertinente ao plano da individualidade do aluno, e ao que esse aluno almeja e deseja para si próprio, evoca uma série de questionamentos que dizem respeito a relação entre educação e felicidade: de que modo a felicidade está inscrita no dizer do projeto de vida? Como esse projeto de vida contribuirá na obtenção da felicidade? Qual é o papel da escola nesse processo?

É de meu objetivo investigar as questões previamente apresentadas, e outras que surjam, relevantes a significação da relação entre educação e felicidade, considerando o contexto do Novo Ensino Médio e Projeto de Vida. Nesse percurso, tomo uma posição materialista em relação à significação na linguagem, tendo em vista uma abordagem semântico-enunciativa ancorada em preceitos da Semântica do Acontecimento e Análise do Discurso. Assim, me aproprio dos conceitos de *cena enunciativa*, *reescritura* e *designação*, além da concepção de *silêncio* na linguagem.

A *cena enunciativa* consiste em, de acordo com Guimarães (2002, p. 23), “modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”, sendo *figuras da enunciação* os modos como os sujeitos serão representados no dizer e *formas linguísticas* os elementos desse dizer articulados nessa representação. Ao investigar os sentidos da forma linguística *felicidade*, coloco esta em relação com as representações dos sujeitos presentes no dizer do NEM. A noção do político na linguagem é

relevante na análise das figuras de enunciação, uma vez que está relacionada “às representações dos sujeitos e aos gestos de afirmação de pertencimento desses sujeitos em relação a um objeto de dizer” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 42), sendo de meu interesse analisar a divisão política de sentidos inscrita na representação dos sujeitos projetados no dizer.

A *articulação*, segundo Guimarães (2014, p. 60-61), se trata do “sentido de um nome que estabelece a relação desse nome com as coisas tomadas como existentes”, com a linguagem estabelecendo a “partilha do real”, permitindo a “referência a coisas particulares em situações particulares”. Esse processo de referenciação é constituído por meio da inscrição de um nome na história de suas enunciações, nas quais é possível constatar a recuperação de um passado e a projeção de um futuro, além de um presente, determinado pelo acontecimento.

A *reescritura*, por sua vez, é definida por Guimarães (2018, p. 85) como o “modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito” em que “o elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado”. Nesse contexto, a repetição, substituição e paráfrase são procedimentos de significação, os quais agregam novas significações ao reescriturado. Me utilizo de ambos os conceitos de modo a analisar as derivas de sentido de *felicidade*, além de sua relação com o NEM, o projeto de vida e os sujeitos projetados na significação desta.

Dentre as contribuições da Análise de Discurso, considero a noção de *silêncio* como elemento necessário para a constituição do sentido. Ao tratar sobre o tema, Orlandi (1999, p. 53) divide o silêncio em duas categorias: o *silêncio fundante* e a *política do silêncio* (ou *silenciamento*). O silêncio fundante é tomado como produto do funcionamento da linguagem, uma vez que “todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio”, e a política do silêncio, por sua vez, é considerada “uma declinação política da significação” que dá origem ao silenciamento como “forma não de calar, mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras””. O conceito em questão será empregado na investigação dos silenciamentos na relação entre educação e felicidade, tendo em vista a caracterização que o NEM faz desta e suas implicações.

Como objeto de análise tomo o artigo “Projeto de Vida: ser ou existir?”⁶, componente do Caderno de Práticas da BNCC publicado no *website* do Ministério da

⁶basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/200-projeto-de-vida-ser-ou-existir. Acesso em: 10 de julho de 2024

Educação (MEC), que será devidamente explorado nas próximas seções.

Entre o individual e o coletivo: a tensão de sentidos do projeto de vida

A descrição da cena enunciativa do artigo “Projeto de Vida: ser ou existir?” exige que retomemos certos aspectos contextuais do texto, este que, como anteriormente mencionado, integra o Caderno de Práticas da BNCC, documento orientador elaborado pelo MEC e direcionado a docentes de todo o país, voltado a divulgação de “relatos de práticas que poderão auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens descritas na BNCC”. Apesar dessa proposta, não se observa a descrição de práticas ou dinâmicas pedagógicas desenvolvidas por docentes em sala de aula no artigo, aspecto que sugere a natureza do projeto de vida enquanto inovação na área da educação. Evidencia-se, então, a presença de um locutor-MEC, representante de uma instituição de prestígio que tem como propósito a promoção de ações para o setor da educação, que irá, em consonância com suas atribuições, se dirigir a um alocutário-professor, de modo a orientar este sobre no que consiste o projeto de vida, eventualmente sugerindo modos de se abordar a temática em sala de aula.

O título do artigo propõe a divisão de sentidos relativa ao projeto de vida, pautada na oposição entre *ser* e *existir*, com o conectivo *ou* significando ambas as opções como exclusivas entre si, não se admitindo que o sujeito *seja e exista* simultaneamente. Esta será a primeira de várias derivas de sentido presentes no texto, as quais terão a divisão de sentidos, expressa por meio de polaridades mutuamente exclusivas como característica:

O projeto de vida traz a possibilidade de **arquitetar, conceber e plasmar o que está por vir**. O ser humano tanto pode **idealizar uma bomba, quanto a cura para uma doença**. As escolhas dos estudantes **decorrem de influências intrínsecas e/ou extrínsecas** e, **no que tange ao apoio da escola, do compromisso de seus atores com a ética**, a ciência tanto **pode atender aos interesses mercadológicos, estando a serviço do consumo desenfreado, da competitividade e das guerras**, quanto do **coletivo, visando a paz, a lucidez e o bem comum**.

A caracterização do projeto de vida como “a possibilidade de arquitetar, conceber e plasmar o que está por vir” traz em sua significação a articulação com uma temporalidade ainda não existente, um futuro a ser pensado, arquitetado, concebido por meio de seu

planejamento. As possibilidades apresentadas para esse futuro são expressas por meio da divisão de seus sentidos, retomando o funcionamento semântico constatado no título: o sujeito pode “idealizar uma bomba”, dispositivo que irá dizimar a vida de várias pessoas, ou “a cura para uma doença”, que em um movimento inverso, poderá preservar a vida de várias pessoas. Em ambos os casos, o projeto de vida não diz respeito somente aquele que irá o realizar, mas a outros que sofrerão as suas consequências, sejam elas positivas ou negativas, remetendo a existência de uma coletividade. Ao afirmar que “as escolhas dos estudantes decorrem de influências intrínsecas e/ou extrínsecas”, o locutor-MEC reforça a existência dessa coletividade, que não só sofrerá as consequências desse projeto de vida, positivas ou negativas, mas também poderá influenciar ativamente em sua construção, assim como o próprio estudante.

A influência que a escola terá na construção do projeto de vida dos estudantes é, nesse contexto, dependente “do compromisso de seus atores com a ética”, ética significada na divisão de sentidos da ciência, que poderá “atender aos interesses mercadológicos” ao estar “a serviço do consumo desenfreado, da competitividade e das guerras” ou ao “coletivo”, se visa “a paz, a lucidez e o bem comum”. Os sentidos de ética inscritos no dizer do artigo dizem respeito a relação com a coletividade, sendo ela *mercadológica* quando está a serviço de poucos, uma ética individualista, ou *coletiva* quando está a serviço de muitos, uma ética coletivista. A ética adotada pelos sujeitos integrantes da escola é que irá influenciar nas escolhas dos estudantes, e consequentemente, na construção do projeto de vida destes.

A relação entre projeto de vida e a coletividade pode ser constatada também em outros trechos do texto:

Projetar a vida perpassa por **questionamentos sobre as diferentes violências físicas e simbólicas que se configuram diante das desigualdades sociais, étnicas e de gênero**. Idealizar a própria vida é ter consciência da **responsabilidade de cada um em sua atuação social**, descobrindo-se a si mesmo, aos outros e o meio em que vive. É o momento em que são percebidas as tantas formas e jeitos de ser. É também quando alguns dos preconceitos construídos socialmente atingem e afetam as crianças, o que pode ser revertido a partir do compromisso da escola.

A elaboração do projeto de vida, reescrito como “projetar a vida”, envolve “questionamentos sobre as diferentes violências físicas e simbólicas que se configuram

diante das desigualdades sociais, étnicas e de gênero”, exercício que implica necessariamente na relação com a coletividade, em um olhar sobre o outro. Por outro lado, a reescritura de projeto de vida como “idealizar a própria vida” aponta para o olhar do sujeito sobre a sua própria vida, em um movimento de individualização, presente também na significação de “ter consciência da responsabilidade de cada um em sua atuação social”, que propõe uma individualização do coletivo, reduzindo-o a um conjunto de indivíduos que serão responsáveis cada um por suas ações, sem a sugestão de qualquer tipo de relação entre essas ações, de modo que a ação de um sujeito seja determinante na ação de outro. Esse movimento de individualização é seguido por uma nova proposta de visão sobre o coletivo, desta vez que relativa ao modo como “alguns dos preconceitos construídos socialmente atingem e afetam as crianças”, esta considerada compromisso da escola. Assim, observa-se no dizer do projeto de vida uma tensão entre o coletivo e o individual, com olhar do sujeito sobre si próprio e também sobre o outro, sendo ambos elementos que devem ser articulados em sua construção.

A articulação entre o individual e o coletivo se mantém na noção de *educação interdimensional*, abordagem a ser adotada no tratamento do projeto de vida no contexto escolar:

Essa educação interdimensional visa contemplar equilibradamente aspectos racionais, **relacionais**, físicos e irrespondíveis, como “o que é a morte”, “a que se destina nossa existência”, pois o “**eu**” e o “**tu**” transcendidos no “**nós**” trazem **ao projeto de vida algo para além do indivíduo.**

A articulação entre o coletivo e o individual no conceito de educação interdimensional se manifesta em sua proposta de “contemplar equilibradamente” aspectos relacionais, colocando no escopo das atividades escolares a ponderação sobre o modo como o aluno irá se relacionar com outros sujeitos. A importância da reflexão sobre o individual e o coletivo é expressa como equivalente no dizer, o que se constata na significação de um “eu” e “tu” que estarão transcendidos pelo “nós”, os quais trarão “algo para além do indivíduo” para o projeto de vida. Nessa perspectiva, o *nós* que transcenderá o *eu* e o *tu*, e contextualizará a elaboração do projeto de vida, também conta com a presença conjunta de *eu* e *tu* em sua composição, significando a necessidade do estudante de considerar tanto o olhar sobre si, quanto o olhar sobre o outro na sua elaboração.

A Felicidade e o Projeto de vida: prevenindo o sofrimento?

Ao tratar sobre os possíveis benefícios da realização do projeto de vida pelos jovens, o locutor-MEC faz referência a FIB, predicada como “índice de felicidade humana”, expondo os critérios que esta considera na avaliação da felicidade, os quais são: bem-estar psicológico, saúde, uso do tempo, educação, cultura, meio ambiente, governança e padrão de vida. A relação entre os critérios e a felicidade é expressa por meio de indicadores, os quais descrevem o modo como cada critério intervém na promoção da felicidade, esta tomada como objeto a ser comprovado, avaliado e promovido por meio de uma metodologia científica, como discutido nas seções anteriores.

No que diz respeito ao critério educação, são apresentados indicadores relativos a “estudos formais e informais, preocupação e diálogo da família com relação às ações que demonstrem avanços nas questões ambientais e solidárias”. A ação de agentes externos a escola é significada também como pertinente ao modo como a educação promoverá a felicidade, uma vez que “estudos formais e informais” e a “preocupação e diálogo da família” também são considerados como aspectos relevantes nesse processo.

Os indicadores considerados pela FIB são articulados na sustentação da felicidade enquanto um dos “benefícios” obtidos por meio da realização do projeto de vida:

São muitas as atitudes que decorrem do projeto de vida consciente. Em primeiro lugar, o entendimento de que **a felicidade é coletiva**. Depois, pensar sobre o mundo do trabalho na escola é um jeito de ensinar **a administrar o dinheiro adquirido com o trabalho**, consumo consciente, uso responsável de bens e serviços públicos, educação financeira, **alimentação saudável**, busca da saúde e da qualidade de vida, bem como melhoria da disciplina.

A associação entre o projeto de vida e a FIB é construída por meio da reescritura do conteúdo dos indicadores em “atitudes que decorrem do projeto de vida consciente”, com “administrar o dinheiro adquirido com o trabalho” retomando os indicadores que compõem o critério *padrão de vida* da FIB, que por sua vez, engloba “renda, segurança e nível de endividamento”. Nessa perspectiva, o ensino sobre como “administrar o dinheiro adquirido na escola” levaria o aluno a uma menor possibilidade de endividamento, proporcionando um maior nível de felicidade para este. Em consonância com isso, o ensino sobre “alimentação saudável” remete diretamente aos indicadores que compõem o critério *saúde* da FIB, estes

que são “medidos a partir de padrões de comportamento arriscado, tais como horas de sono, frequência de exercícios físicos e alimentação saudável”. A promoção da alimentação saudável e a “busca da saúde”, ao serem considerados elementos integrantes do projeto de vida, caracterizam o projeto de vida como método que propicia a felicidade do estudante.

Apesar da felicidade ser caracterizada como coletiva, a relação entre a FIB e o projeto de vida é predicada na ação da escola em orientar o aluno sobre questões que dizem respeito a sua própria vida, como o modo como este deve gerenciar suas finanças, usar serviços públicos e cuidar de sua saúde. Não se observa a relação entre esses cuidados do sujeito com sua própria vida e seus impactos na coletividade. A felicidade coletiva, nessa perspectiva, é concretizada por meio da ação individual do sujeito sobre si próprio, não por meio da ação coletiva.

Pode-se dizer que **a realização das atividades direcionadas à confecção do projeto de vida afeta, proporcionalmente, na sensação de felicidade.** Pode-se afirmar que **planejar a vida é evitar o sofrimento.**

O vínculo entre projeto de vida e a FIB é o que sustenta a relação entre “a realização das atividades direcionadas à confecção do projeto de vida” e uma maior “sensação de felicidade” articulada no texto, que prevê um nível crescente de felicidade aos alunos enquanto estes realizarem mais atividades associadas a construção de seu projeto de vida. A proposta da FIB, que tem como uma de suas principais características a utilização de um aparato científico na comprovação, avaliação e mensuração da felicidade, acaba por corroborar essa caracterização, projetando no projeto de vida a condição de método para obtenção da felicidade baseado em uma metodologia científica, uma vez que este se apropria dos critérios e índices desta.

O projeto de vida, reescrito como “planejar a vida”, também irá contribuir na promoção da felicidade do estudante enquanto é considerado um meio de se “evitar o sofrimento”, em um movimento de sentidos que associa o planejamento da vida a uma diminuição no nível de sofrimento, com o sujeito que mais planeja a sua vida sendo aquele que mais evitará sofrer. A felicidade é significada, nesse contexto, como a ausência de sofrimento, este evitável por meio do planejamento da vida, que será método de obtenção da felicidade.

A caracterização do “planejar a vida” como modo de se evitar o sofrimento, no

entanto, evidencia um apagamento que põe em dúvida sua efetividade na promoção da felicidade: a possibilidade desse planejamento não se concretizar, deste ser falível, visto que a elaboração de um planejamento da vida em si não implica na materialização deste. Essa possibilidade, ou o modo como o estudante deve se portar diante de um planejamento da vida que não se concretize, não são contempladas no dizer do artigo sobre o projeto de vida.

Conclusão

Os sentidos de felicidade no contexto da educação, no que diz respeito ao projeto de vida, são produzidos no artigo por meio da articulação com os critérios e indicadores da FIB e a caracterização do projeto de vida como metodologia capaz de prevenir o sofrimento. Nesse contexto, o processo de construção do projeto de vida pelo estudante envolverá práticas que condizem com a metodologia considerada pela FIB, que se propõe a seguir um rigor científico na avaliação, mensuração e promoção da felicidade, em um movimento de sentidos que concede ao projeto de vida a característica de metodologia que proporciona a felicidade baseada em preceitos científicos, contribuindo na construção de sua credibilidade. O planejar a vida, por sua vez, torna-se meio do estudante evitar o sofrimento, com o grau de sofrimento evitado sendo correspondente ao quanto esse estudante se empenhar em atividades relacionadas ao planejamento de sua vida, as quais compõem o projeto de vida, este que, novamente, é tomado como modo de se obter a felicidade, existente na ausência do sofrimento. Essa associação é constituída no apagamento da possibilidade do planejamento da vida se não se concretizar, o que comprometeria a capacidade desse planejamento de prevenir o sofrimento, e logo, proporcionar a felicidade do aluno.

Referências

ELIAS DE OLIVEIRA, Sheila. **Sobre o funcionamento do político na linguagem**. Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, ed. 34, 2014. DOI ISSN 2674-7375. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao34/edicao34.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Espaço de enunciação, Cena enunciativa, Designação**. Fragmentum (UFSM), v. 40, p. 49-76, 2014.

GUIMARÃES, E. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas: Pontes Editores, 2018

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2007. 184 p.